

AS IMPLICAÇÕES DO USO INDISCRIMINADO DA RITALINA (METILFENIDATO) POR ESTUDANTES PARA O AUMENTO DO DESENVOLVIMENTO ACADÊMICO

DOI: 10.48140/digitaleditora.2020.001.29

29

RESUMO

Objetivos: O objetivo do presente trabalho é compreender a importância do farmacêutico e seu papel no combate a automedicação, por meio do conhecimento dos riscos e dos medicamentos mais usados e identificar as classes de medicamentos mais utilizados na automedicação.

Métodos: Trata-se de uma pesquisa descritiva e bibliográfica de um levantamento de toda bibliografia já publicada em forma de revistas *on-line* e meios eletrônicos

Resultados: Ao analisar os artigos selecionou-se os que estavam concernentes aos objetivos, no total de 20 artigos que condizem perfeitamente com os todos os critérios de inclusão foram selecionados

Conclusão: Diante do exposto, os resultados apontam que o profissional farmacêutico pode contribuir no combate a automedicação é indispensável que este tenha uma visão holística de causa e consequência à cerca do uso inadequado dos fármacos.

Edson Silva Lima

Graduando em Farmácia pela AESPI – Ensino Superior do Piauí Teresina – Piauí



<https://orcid.org/0000-0001-7529-9500>

Deyse Da Silva Torres

Graduanda em Farmácia pela AESPI – Ensino Superior do Piauí Teresina – Piauí



<https://orcid.org/0000-0002-7393-255X>

Mara Lyanne da Silva Félix

Farmacêutica, Mestre e Professora Assistente da Faculdade AESPI – Ensino Superior do Piauí Teresina – Piauí



<https://orcid.org/0000-0002-6701-0436>

PALAVRAS-CHAVES: Automedicação Responsável. Reação Adversa. Cuidado Farmacêutico.

THE IMPLICATIONS OF THE INDISCRIMINATED USE OF RITALIN (METHYLPHENIDATE) BY STUDENTS TO INCREASE ACADEMIC DEVELOPMENT

DOI: 10.48140/digitaleditora.2020.001.29

29

ABSTRACT

Objectives: The objective of the present work is to understand the importance of the pharmacist and his role in combating self-medication, through knowledge of the risks and most used drugs and to identify the classes of drugs most used in self-medication.

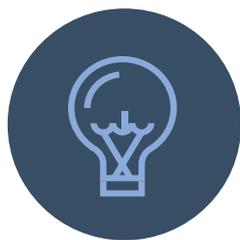
Methods: This is a descriptive and bibliographic survey of a survey of all bibliography already published in the form of online magazines and electronic media.

Results: When analyzing the articles, those that were related to the objectives were selected, in the total of 20 articles that perfectly match all the inclusion criteria were selected.

Conclusion: Given the above, the results indicate that the pharmaceutical professional can contribute to combating self-medication, it is essential that he has a holistic view of the cause and consequence of the inappropriate use of drugs.

Recebido em: 30/11/2020
Aprovado em: 10/12/2020
Conflito de Interesse: não
Suporte Financeiro: não houve

KEYWORD: Responsible self-medication. Adverse Reaction. Pharmaceutical Care.



INTRODUÇÃO

Atualmente, vem crescendo a busca de estudantes por aprimoramento intelectual, diante da exaustiva quantidade de conteúdos que são exigidos por instituições, provas e concursos. Esse contexto levou ao aumento do uso de “drogas de estudo”, como são conhecidas por esses indivíduos, um exemplo dessas substâncias é a famosa Ritalina (Cloridrato de Metilfenidato) (ABELMAN et al., 2017).

Este medicamento é destinado ao tratamento do transtorno do déficit de atenção e hiperatividade (TDAH), doença do sistema neurológico comum em crianças. Entretanto, pesquisas demonstraram pessoas acometidas por esse transtorno podem continuar apresentando os sintomas na fase adulta. Os mais acometidos são pessoas do sexo masculino, na infância, enquanto, na fase adulta, as mulheres apresentam uma maior prevalência nos diagnósticos de TDAH (WENTHUR et al., 2016).

Tendo em vista essa realidade, o presente trabalho tem por objetivo realizar uma revisão integrativa sobre o uso indiscriminado da Ritalina (cloridrato de metilfenidato) por estudantes universitários e avaliar as consequências que esse uso indiscriminado pode provocar nesses estudantes.

Sendo a problemática: Quais são os principais efeitos do uso indiscriminado da Ritalina (Metilfenidato) por estudantes, para o aumento do desempenho acadêmico?

E a Questão Norteadora que embasou a pesquisa foi: O aumento de estudante que fazem uso de medicações para auxiliar na atenção aos estudos acadêmicos levou ao interesse de pesquisas nessa área. Dessa maneira, o desenvolvimento desse projeto também visa demonstrar a realidade dos estudantes diante do uso da Ritalina e suas possíveis implicações.

O objetivo Geral que embasou a pesquisa foi: Investigar, através de uma revisão de literatura, as principais implicações do uso indiscriminado da Ritalina (metilfenidato), por estudantes, para o aumento do desempenho acadêmico. E os Objetivos específicos foram: identificar o perfil dos estudantes que fazem uso da Ritalina (cloridrato de metilfenidato) unicamente para melhora do desempenho acadêmico; analisar se há eficiência da melhora da atenção com o uso da Ritalina por estudantes e investigar possíveis reações adversas desencadeadas pelo uso abusivo da Ritalina por estudantes.

O caminho acadêmico e a necessidade de assimilar uma grande quantidade de conteúdos exigidos fez-se aumentar a busca por medicações que pudessem aumentar a atenção na realização dessas atividades. Sabe-se, porém, que o uso de alguns medicamentos, além dos efeitos positivos, pode levar a complicações, como efeitos adversos importantes, e é necessário investigar até que ponto essa prática pode ser benéfica aos usuários.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa descritiva e bibliográfica ou de fontes secundárias de um levantamento de toda bibliografia já publicada nos últimos 10 anos, na faixa temporal de 2010 a 2020, em forma de revistas e meios eletrônicos, a qual tem finalidade de colocar o pesquisador em contato com tudo aquilo que foi escrito sobre o assunto, permitindo a ele a manipulação das informações (MARCONI; LAKATOS, 2010). Artigos publicados em bases de dados que tratem da temática que estejam disponíveis na íntegra e tenham sido produzidos no período de 2010 a 2020, publicados em revistas, periódicos e informes. Os dados foram coletados por meio da Biblioteca Virtual em Saúde nas bases de dados; Litaratura Latino-Amerivana em Ciências da Saúde (LILACS); Scientific Eletronic Library OnLine (SCIELO) e Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (Medline) em artigos publicados em revistas, periódicos, informes com publicações nacionais, produzidas nos anos 2010 a 2020.

Por meio dos seguintes descritores: uso indiscriminado; Ritalina (Metilfenidato); automedicação e acadêmicos foram incluídas pesquisas nacionais e disponíveis na íntegra nas bases de dados selecionadas, as quais retratem as implicações do uso indiscriminado da Ritalina (Metilfenidato) por estudantes para o aumento do desenvolvimento acadêmico.

Foram excluídas pesquisas fora do período selecionado, que não estejam disponíveis nas bases de dados na íntegra, que fugirem da temática em pauta.

COLETA DE DADOS

Para a realização desta pesquisa foi realizado um levantamento bibliográfico na coleção da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e no Science Direct (ELSEVIER), utilizando os termos: formulações pediátricas, otimização e palatabilidade como palavras-chave.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta revisão de literatura foram selecionados 10 artigos, nas bases de dados foram combinados os seguintes descritores: uso indiscriminado; Ritalina (Metilfenidato); automedicação e acadêmicos. Em um primeiro momento após a combinação foram encontrados 2800 artigos que contemplavam os descritores. Logo em seguida uma nova triagem foi feita utilizando a faixa temporal dos últimos 10 anos, onde o resultado caiu para 594 artigos.

Ao analisar os 150 artigos foram selecionados os que estavam concernentes aos objetivos, e em seguida todos os periódicos encontrados e resumos e feito uma leitura na íntegra restaram 52 artigos que, foram filtrados restando apenas 10 artigos que condizem perfeitamente com os todos os critérios de inclusão, sendo então excluídos os outros.

Título	Autor/Ano	Periódico	Resultados
1. A importância do profissional farmacêutico no combate à automedicação no Brasil	Souza, H. W. O. et al., 2008.	Revista Eletrônica de Farmácia	A incansável busca da conscientização da população quanto ao perigo da automedicação pelos profissionais de saúde.
2. Risco da automedicação: informação em prol da mudança de hábito.	Miranda et al., 2014	Rev. Ciência Hoje	Dados coletados indicam que mulheres consomem mais medicamentos sem prescrição médica do que os homens.
3. Automedicação e o uso irracional de medicamentos: o papel do profissional farmacêutico no combate a essas práticas	Fernandes et al., 2015	Revista Univap	Portanto, o profissional farmacêutico assume importante papel como orientador e agente sanitário contribuindo para o uso racional de medicamentos.
4. Prevalência e fatores associados à automedicação: resultados do projeto Bambuí.	Filho et al., 2013	Revista saúde pública	O uso irracional de medicamentos são práticas comuns entre a população brasileira, resultando em problemas secundários ocasionados por essa prática.
5. Contribuição do Farmacêutico para a automedicação responsável	Tavares, 2017	Revista Especialize On-line IPOG	A participação do farmacêutico na orientação ao paciente também reduz gastos com a saúde pública, visto que reduz a taxa de internação hospitalar causada por reações adversas ao medicamento.
6. Evidenciando a automedicação numa drogaria da região sul da cidade de São Paulo - SP.	Silva et al., 2012	Revista Saúde em Foco	A automedicação é uma atitude corriqueira entre a maioria da população brasileira. Diversos são os eventos adversos que podem ser gerados por esse tipo de atitude, piorando a condição do doente, além de gerar maiores custos para o sistema de saúde.
7. Consumo de medicamentos e prática da automedicação por acadêmicos da área de saúde da Universidade Estadual de Londrina	Piveta et al., 2015	Revista Espaço para a Saúde	A classe dos analgésicos e antipiréticos com ação no sistema nervoso (N02A) foi a mais relatada (92,9%), e o princípio ativo mais mencionado a dipirona/dipirona e associações (55,9%).
8. Automedicação: uma abordagem qualitativa de suas motivações	Naves et al., 2010	Ciênc saúde coletiva.	Os medicamentos isentos de prescrição apresentam elevado uso devido, possivelmente, à facilidade na aquisição e na crença atual do poder dos medicamentos.
9. Por que o uso racional de medicamentos deve ser uma prioridade?	Aquino, 2008	Ciência & Saúde Coletiva	Com os resultados obtidos no desenvolvimento das atividades foi possível observar a carência de informações da população atendida pelo projeto e a necessidade da difusão permanente de conhecimento consistente sobre o uso racional de medicamentos.
10. Automedicação: Uma Síntese das Publicações Nacionais	Lunelli et al., 2016	Revista Contexto & Saúde	Constatou-se também a alta prevalência da automedicação entre os profissionais da área da saúde.

Dos 10 artigos encontrados a maioria dos autores corroboram com Sousa et al., (2008) ao que diz respeito a importância do farmacêutico na automedicação e sobre o profissional farmacêutico que busca a cada dia o seu espaço na farmácia, embora que na maioria das regiões do Brasil a desvalorização da profissão seja evidente.

Corroboram Filho et al., (2013) que pode-se inferir por meio dos dados pesquisados e coletados que o farmacêutico é o profissional da saúde que está mais acessível à população, e é o profissional que possui o conhecimento científico referente ao medicamento (modo de uso, interações, riscos, reações adversas, necessidade), sendo, portanto o responsável por orientar a população em relação aos riscos que o uso indevido de medicamentos pode trazer.

O profissional farmacêutico dentro de suas habilitações é o mais capacitado para prestar orientação farmacêutica. Sendo importante em todo trajeto que medicamento traça até chegar ao seu consumidor final, pois ele está apto a criar e disseminar campanhas preventivas e políticas sobre o uso racional de medicamentos, minimizando a automedicação, de modo a garantir o bem estar da população (AQUINO, 2008).

Tais resultados corroboram com os estudos de Naves et al., (2010) onde os autores asseveram que cabe ao farmacêutico, educadores permanentes de prevenção e, muitas vezes, ponto de referência para os usuários dos serviços de saúde, esclarecer eventuais dúvidas e ser o mediador na conscientização da população quanto aos riscos da prática da automedicação e, desta forma, reduzir ao máximo os índices de morbidade.

Os medicamentos campeões do uso indiscriminado foram os analgésicos e antitérmicos. Estes apresentam efeitos colaterais importantes, podendo provocar problemas de estômago e hemorragias. Pode ser fatal se usado em casos de dengue e pode acelerar a progressão da insuficiência renal em indivíduos que se encontram nessas condições. Já os anti-inflamatórios, segundos colocados no ranking dos mais utilizados sem prescrição, podem gerar uma série de efeitos colaterais de ordem cardiovascular, como se pode observar com os recentemente retirados do mercado Vioxx® e Arcoxia®, além de também poderem contribuir para a progressão da doença renal crônica (SILVA et al., 2012). Resultados estes que corroboram com o estudo proposto por Santos et al., (2013) onde ele ressalta que dentre os medicamentos que predominam nessa prática, observa-se a presença de analgésicos e antiinflamatórios, possivelmente pelo fácil acesso aos mesmos, acesso esse apontado nas ideias centrais e nos discursos do sujeito coletivo, os quais expressam características que podem explicar a prática de automedicação, mesmo tendo eles alto potencial de efeitos adversos.

Os grupos farmacológicos mais usados foram analgésicos, seguido de antiinflamatórios e antitérmicos, o que já era esperado através da comparação com outros estudos. Também foram esses os mais utilizados sem prescrição médica. Neste caso, atua fortemente a venda livre e exposição nos balcões de Farmácias, sendo o fácil acesso um importante fator para o uso indiscriminado (SILVA, et al., 2011)

Observa-se também que problemas com medicação foram frequentes, dentre os mais citados temos: efeitos colaterais e a perda de efeito terapêutico – resistência

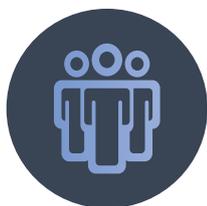
a medicamentos – tendo este último como principal causa a utilização não regulada e consciente das drogas. Esperava-se que o uso de medicamentos por um grupo que está em frequente contato com tais produtos ocorresse de forma cuidadosa, uma vez que detêm importantes informações sobre a conduta correta de prescrições e sobre as indicações e contraindicações dos fármacos (WECKX, L. 2012).

Ao falar-se sobre população mais acometida o Brasil esta entre os 10 países que mais consomem medicamento em todo mundo, sendo que as mulheres são as que mais utilizam desta automedicação. Sabe-se que a saúde é um direito constitucional, que deve ser garantido pelos nossos governantes a todos os cidadãos, mas a defasagem do atendimento nas unidades de pronto atendimento frequentemente induzem os pacientes a desistirem da consulta e procurar outro recurso para aliviar suas dores (MIRANDA et al., 2014). Tais resultados corroboram os estudos propostos por Tavares (2017) que afirma que devido o aumento de intoxicações medicamentosas provocadas ou não, vê-se a necessidade de uma supervisão eficaz por parte dos governantes em manter uma vigilância mais rigorosa penalizando as farmácias e drogarias que não cumprirem com os regulamentos de vendas de medicamentos de tarja vermelha e tarja preta com receituário com data de vencimento ultrapassada com o intuito de reduzir o número de casos de intoxicação e também agravamento de doenças patológicas. A criação de meios educativos pode contribuir para redução da compra de medicamento sem orientação médica.

Observa-se elevada prevalência de automedicação entre mulheres, principalmente de medicamentos da classe dos analgésicos e antipiréticos, tendo a cefaleia o sintoma mais prevalente para uso de medicamentos. A maioria se aconselha com parentes, vizinhos ou amigos sobre o uso de medicamentos. Em adição, a principal justificativa para realização da automedicação foi que o sintoma apresentado não era motivo para procurar um médico (PIVETA et al., 2015).

A automedicação ainda está presente em alta frequência na população adulta e idosa brasileira, mas também, de acordo com algumas pesquisas internacionais, se encontra no cotidiano de outras populações, mesmo naqueles países que apresentam bons índices de atendimento em saúde (BECKHAUS et al., 2010).

Diante do exposto, observou-se que a população idosa é mais vulnerável a automedicação pelos inúmeros fatores presentes nessa faixa etária e que colocam sua condição de saúde em risco de piora. No Brasil, a automedicação, é considerada um problema de saúde pública e essa situação se agrava com o envelhecimento da população e o difícil acesso aos serviços de saúde (LUNELLI et al., 2016).



CONCLUSÃO

Diante disso, é fundamental a informação sobre qualquer medicamento, a busca por profissionais da saúde é indispensável ao paciente, para que este se sinta seguro ao ingerir o fármaco, também, na iniciação de qualquer tratamento. O uso inadequado de fármacos equivale ao individuo uma vida patológica.

Contudo, faz-se necessário entender que há uma diferença entre assistência farmacêutica e atenção farmacêutica; a assistência farmacêutica é um conjunto de ações realizadas por farmacêuticos, com objetivo de orientar o uso e restrições de medicamentos; enquanto que a atenção farmacêutica é a relação direta do farmacêutico com o paciente, objetivando o controle do uso de medicações com interesses do próprio paciente.

O simples ato de tomar remédios sem recomendação médica pode ser prejudicial à saúde, isso decorre do uso inadequado de medicamentos, uma vez que pode causar até mesmo a morte; O farmacêutico tem um importante papel no combate à automedicação de modo a contribuir para a diminuição diária de riscos gerados pela automedicação.

Deve ser acompanhado por profissionais o uso de um medicamento que tenham tal conhecimento para que os remédios não sejam usados como medicamentos. O efeito do medicamento se deve a uma ou mais substancias ativas com propriedades terapêuticas reconhecidas cientificamente, ao contrário do remédio que não possui reconhecimento científico.

Mesmo sabendo que o uso de medicamentos de forma incorreta pode ocasionar sinergismos com outros medicamentos que estão a serem usados, proporcionando maior probabilidade de ocorrer reações adversas, alérgicas, ou atrasar no diagnóstico, ou mesmo chegar a um nível de intoxicação medicamentosa, podendo levar o paciente a morte, algumas pessoas continuam usando medicamentos sem consultar os profissionais de saúde.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Odete. et.al. Automedicação em Jovens e Adultos da Região Centro de Portugal. *Rev Mile-nium*, n.47 (jun/dez), p. 97-109.
- AQUINO, D. S. da; Por que o uso racional de medicamentos deve ser uma prioridade? *Ciência & Saúde Coletiva*, v.13, p.733–736, 2008.
- ARAÚJO, A. L. et al. Estudos brasileiros sobre automedicação: uma análise da literatura. *Ver. Bras. Farm*, n. 96, p.1178-1201,2015.
- ARRAIS PSD, FERNANDES MEP, da Silva Dal Pizzol T, RAMOs LR, Mengue SS, LUIZA VL, et al. Prevalência da automedicação no Brasil e fatores associados. *Rev Saude Publica*. 2016; 50(supl 2):13s.
- BARBOSA, G. C. Utilização de medicamentos na pediatria: a prática de automedicação em crianças por seus responsáveis. *Rev. Paul. Pediatr.*, São Paulo, v. 28, n. 3, p. 262-268, set. 2008.
- BRASIL, Agência de Vigilância Sanitária. O que devemos saber sobre medicamentos. Brasília: ANVISA, 2010.
- BRASIL, Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabologia. Os perigos da Medicação. Disponível em: <https://www.endocrino.org.br/os-perigos-da-automedicacao/>. Acesso em: 23 abr. 2018.
- CHAGAS, O. F. P. et al. Study of the use of analgesics by patients with headache at a specialized outpa-tient clinic (ACEF). *Arq. Neuro-Psiquiatr*, São Paulo, v. 73, n. 7, p. 586-592, jul. 2015.
- FERNANDES et al,. Automedicação e o uso irracional de medicamentos: o papel do profissional far-macêutico no combate a essas práticas. *Revista Univap*. São José dos Campos-SP-Brasil, v. 21, n. 37, jul. 2014.
- FILHO et al,. Prevalência e fatores associados à automedicação: resultados do projeto Bambuí. *Revista saúde pública*. 2013.
- GALATO, D.; MADALENA, J.; PEREIRA, G. B. Automedicação em estudantes universitários: a influência da área de formação. *Ciênc. Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 12, p. 3.323-3.330, jul. 2012.
- JUNQUEIRA, Daniela Rezende Garcia. Alterações hematológicas induzidas por medicamentos conven-cionais e alternativos em Minas Gerais. *Revista Brasileira de Farmácia*, v. 12, n. 45, p. 220, 2013.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Metodologia do trabalho científico. São Paulo: Atlas, 2010.
- LEITE, S. N.; VIEIRA, M.; VEBER, A. P. Estudos de utilização de medicamentos: uma síntese de artigos publicados no Brasil e América Latina. *Ciênc. Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 13, supl., p 793- 802, abr. 2008.
- LESSA et al,. Automedicação: Uma Síntese das Publicações Nacionais *Revista Contexto & Saúde* . Ijuí Editora Unijuí V. 16 N. 30 Jan./Jun. 2008.
- LUZ, Deolindo João da; LIMA, José Antonio Santos; MONTEIRO, Leonel Gomes. Automedicação no

- Idoso, 2013.66 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Enfermagem – Universidade do Mindelo, Mindelo, 2013.
- MARQUES, P.E, Oliveira. A, G,Q , Menezes .A .G: Quando o que cura passa a mata Laboratório de Imunobiofotônica, Departamento de Morfologia, Universidade Federal de Minas Gerais 2013 Rev. CIÊNCIAHOJE | 302 | VOL. 51.Disponível em <http://cienciahoje.uol.com.br/revista-ch/2013/302/quando-o-que-cura-passa-a-matar>. Acesso em: 24 abr.2018.
- LYNCH, J. E. et al. Estudo da automedicação para dor musculoesquelética entre estudantes dos cursos de enfermagem e medicina da Pontifícia Universidade Católica – São Paulo. Rev. Bras. Reumatol., São Paulo, v. 54, n. 2, p. 90-94, 2018.
- MIRANDA et al,. Risco da automedicação: informação em prol da mudança de habito. Rev. Ciência Hoje. 2014.
- MIRANDA, Laura da Conceição Pacheco. Risco da automedicação: informação em prol da mudança de hábito. Disponível em: <http://www3.izabelahendrix.edu.br/ojs/index.php/aic/article/view/493>. Acesso em: 20 mai.2018.
- NAVES et al,. Automedicação: uma abordagem qualitativa de suas motivações. Ciênc saúde coletiva. 2010.
- ODETE, Joana Barbosa.Automedicação no Adulto, 2008.87 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Enfermagem – Universidade Fernando Pessoa, Ponte de Lima, 2014.
- PIVETA et al,. Consumo de medicamentos e prática da automedicação por acadêmicos da área de saúde da Universidade Estadual de Londrina. Revista Espaço para a Saúde. 2015.
- SANTOS, T. R. A. et al. Consumo de medicamentos por idosos, Goiânia, Brasil. Rev. Saúde Pública, São Paulo, v. 47, n. 1, p. 94-103, fev. 2013.
- SÃO PAULO. Projeto: Farmácia Estabelecimento de Saúde. São Paulo: Conselho Regional de Farmácia de São Paulo, 2010. v.2: Medicamentos isentos de prescrição. Disponível em: <<http://portal.crfsp.org.br/index.php/farmacia-estabelecimento-de-saude.html>>. Acesso em: 05 maio 2018.
- SILVA et al,. Evidenciando a automedicação numa drogaria da região sul da cidade de São Paulo – SP. Revista Saúde em Foco, 30 – 36. 2012.
- SILVA, I. M. et al. Automedicação na adolescência: um desafio para a educação em saúde. Ciênc. Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p. 1.651-1.660, ago. 2011.
- SOCIEDADE BRASILEIRA DE PATOLOGIA CLÍNICA/MEDICINA LABORATORIAL. Recomendações da Sociedade Brasileira de Patologia Clínica Medicina Laboratorial(SBPC/ML): Coleta e prepara de amostra Biológica. Karin Gutz Inglez, São Paulo, 2014.
- SORTERIO, Karine Azeredo. A automedicação no Brasil e a importância do farmacêutico na orientação do uso racional de medicamentos de venda livre: uma revisão. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/graduacao/article/viewFile/25673/14968>. Acesso em: 24 abr.2018.
- SOUZA, H. W. O. et al,. A importância do profissional farmacêutico no combate à automedicação no Brasil. Revista Eletrônica de Farmácia. Vol 5(1), 67-72, 2008.

TOURINHO, F. S. V. et al. Farmácias domiciliares e sua relação com a automedicação em crianças e adolescentes. J. Pediatr. (Rio J.), Porto Alegre, v. 84, n. 5, p. 416-422, Oct. 2008.

TAVARES, Aline Casais. Contribuição do Farmacêutico para a automedicação responsável. Revista Especialize On-line IPOG- Goiânia- Ano 8, Edição nº 14 Vol. 01 Dezembro/2017.

VIANA, Aline. OS PERIGOS DA AUTOMEDICAÇÃO. Revista do Hospital São Vicente de Paula. Disponível em: http://www.hsvp.org.br/o-hospital/fique-por-dentro/noticias_1/revista_hsvp17_p09_automedicacao.pdf. Acesso em: 23 abr.2018.

VITOR, R. S. et al. Padrão de consumo de medicamentos sem prescrição médica na cidade de Porto Alegre, RS. Ciênc. Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 13, supl., p. 737-743, abr. 2008.

WECKX, L. Antibióticos: do uso ao abuso. Braz. J. Otorhinolaryngol, São Paulo, v. 78, n. 2, p. 2, abr. 2012.